OAS NO RIO GRANDE M DE UM MADEIRENSE"

do Sul? A investigação permitiu perceber a dimensão dessa família? Sim, e os números são impressionantes. Estamos a falar de milhares de pessoas. Jerónimo de Ornelas e Lucrécia Leme Barbosa tiveram dez filhos e, pelo menos, 91 netos. Além desses dez filhos, Jerónimo teve ainda dois filhos fora do casamento. Estamos a falar de uma descendência muito numerosa, que se espalhou por várias localidades do Rio Grande do Sul, como Triunfo, Camaquã, Guaíba, Tapes, Viamão, Taquari, General Câmara e Santo Amaro. Ao longo das gerações, os seus descendentes cruzaram-se com muitas outras famílias e passaram a estar presentes nos mais diversos sectores da sociedade. É por isso que digo que há milhares de pessoas no Rio Grande do Sul que descendem deste madeirense.

Estamos a falar de um madeirense que ficou associado à própria fundação de Porto Alegre... Exactamente. Jerónimo de Ornelas estabeleceu-se naquela região no século XVIII, numa altura em que o território ainda estava pouco povoado. Foi considerado o primeiro homem a lançar as bases da cidade de Porto Alegre. Tanto assim é que o local onde se radicou ficou conhecido como Porto de Ornelas ou Porto D'Ornelas. Só mais tarde passou a chamar-se Porto Alegre. É uma ligação histórica muito importante entre a Madeira e o sul do Brasil, mas que, na minha opinião, não tem sido suficientemente valorizada.

Essa presença madeirense acaba por ficar um pouco esquecida perante a importância da colonização açoriana no Rio Grande do Sul? Sim, porque o grande desenvolvimento do Rio Grande do Sul aconteceu depois com a chegada dos açorianos. Foram centenas de açorianos que se estabeleceram naquela região, numa fase em que era necessário ocupar o território, também devido às ambições espanholas vindas do sul. Jerónimo de Ornelas chegou antes desse movimento. Não foi integrado nessas levas de povoadores. Foi para o Brasil por iniciativa própria, estabeleceu-se naquela região e constituiu família. Mais tarde, com a chegada de tantos açorianos, a memória da sua presença foi-se perdendo um pouco. Quando se fala das origens portuguesas do Rio Grande do Sul, fala-se sobretudo dos açorianos, mas é importante recordar que houve também esta presença madeirense anterior.

Pretende que esta conferência incentive novas investigações sobre a descendência de Jerónimo de Ornelas? É uma das coisas que gostaria muito que acontecesse. Vou sugerir que algum historiador ou genealogista brasileiro se interesse por fazer um levantamento da descendência de Jerónimo de Ornelas até aos nossos dias. Seria um trabalho fascinante. Há um exemplo semelhante em Minas Gerais, onde três irmãs oriundas do Faial, conhecidas como as 'Ilhoas', deram origem a uma descendência muito numerosa, que acabou por ser estudada e publicada. Gostaria que alguém fizesse um trabalho semelhante sobre Jerónimo de Ornelas. Se eu vivesse no Rio Grande do Sul, seria uma investigação que teria muito gosto em fazer. Mas vivo nos Açores e não é fácil desenvolver um trabalho dessa dimensão à distância. Talvez esta conferência desperte o interesse de alguém.

A informação que agora vai apresentar no Brasil resulta dos cinco anos de investigação para a obra 'Genealogias da Madeira e Porto Santo'. Como surgiu a ideia de realizar um trabalho desta dimensão? Eu gosto muito de genealogia e fiz genealogia durante toda a minha vida. Sou historiador e arquivista, trabalhei muitos anos no Arquivo de Angra e estive sempre rodeado de documentos antigos. Comecei por estudar as genealogias da ilha Terceira, de onde sou natural, mas depois fui alargando o trabalho a outros territórios. Fiz genealogias de Macau, da Índia, de Moçambique, de São Tomé e Príncipe, de Cabo Verde, da Guiné e de outras ilhas dos Açores. A determinada altura, percebi que, de todos os territórios do antigo Império Português que tinha estudado, faltava-me a Madeira. Resolvi fazer esse trabalho para fechar o ciclo.

Mas tinha também uma ligação pessoal à Madeira... Sim. Tenho uma bisavó madeirense, da família Esmeraldo, e fiz o serviço militar na Madeira. Depois fui para a Guiné, durante a Guerra do Ultramar, integrado numa companhia constituída por madeirenses. Durante cerca de dois anos e meio convivi diariamente com gente da Madeira, o que me permitiu conhecer melhor as pessoas, as famílias e até os apelidos madeirenses. Havia, portanto, essa ligação pessoal, além do interesse histórico e genealógico.

> QUEM EMIGRA ESTÁ PREOCUPADO EM TRABALHAR, GANHAR A VIDA E ESTABELECER-SE NUM NOVO PAÍS. É A SEGUNDA OU A TERCEIRA GERAÇÃO QUE COMEÇA A PERGUNTAR DE ONDE VEIO A FAMÍLIA, QUEM ERAM OS AVÓS E OS BISAVÓS



A deslocação ao Brasil servirá para apresentar 'Genealogias da Madeira e do Porto Santo', editado em Dezembro último. FOTOS DR

Esta investigação permitiu também identificar madeirenses, ou descendentes de madeirenses, que se destacaram noutras partes do mundo? Sim, muitos. Uma das coisas que me impressionou durante a elaboração do livro foi encontrar tantas pessoas com origens madeirenses que se tornaram importantes no estrangeiro e das quais praticamente não se fala na Madeira. Há figuras ligadas à literatura, ao cinema, às artes e a muitas outras actividades. No Brasil, por exemplo, temos Carlos Drummond de Andrade, um dos maiores poetas brasileiros do século XX, cuja família tem ligações à Madeira. Na Madeira fala-se muito de John dos Passos, e bem, mas há outras figuras com ascendência madeirense que também mereciam ser recordadas.

Considera que a Madeira tem valorizado pouco essas ligações históricas à sua diáspora? Acho que sim. Há gente notável espalhada pelo mundo, com origens na Madeira, que merecia ser mais conhecida. Era interessante estudar melhor essas pessoas, perceber de onde vieram as suas famílias, onde nasceram os seus antepassados e até identificar as casas a que estavam ligados. Em alguns casos, poderia colocar-se uma placa a assinalar essa ligação. São pessoas que constituem motivo de orgulho para os madeirenses. Uma das coisas que gostaria de conseguir com este trabalho é precisamente chamar a atenção para essas figuras e para a importância que tiveram fora da Madeira.

Num tempo em que existe tanta informação disponível através das novas tecnologias, a genealogia continua a ter a mesma importância? Continua a ter muita importância, sobretudo como forma de preservar a memória. Isso é particularmente evidente nas comunidades de emigrantes. Muitas vezes, quem emigra está preocupado em trabalhar, ganhar a vida e estabelecer-se num novo país. É a segunda ou a terceira geração que começa a perguntar de onde veio a família, quem eram os avós e os bisavós. A genealogia permite recuperar essas ligações. Foi isso que aconteceu, por exemplo, com o trabalho que fiz sobre as famílias de Macau. Consegui reunir informação sobre famílias espalhadas por vários continentes e houve pessoas que descobriram parentes de cuja existência nem sequer tinham conhecimento.

Depois de uma investigação tão extensa, considera que ainda há muito por descobrir sobre as famílias da Madeira? Há, naturalmente. A obra é muito extensa, mas não significa que esteja tudo estudado. Há famílias cuja origem não foi possível determinar porque os registos mais antigos desapareceram ou não chegaram até nós. Há apelidos que podem corresponder a diferentes ramos familiares e nem sempre conseguimos estabelecer as ligações entre eles. Por isso, há muito trabalho que outros genealogistas poderão continuar a desenvolver. Felizmente, existem bons investigadores na Madeira e têm sido publicados trabalhos muito interessantes. Espero que a minha obra possa também servir de ponto de partida para novas investigações.

É esse também o propósito da sua deslocação ao Brasil, dar continuidade a uma investigação que começou na Madeira? Precisamente. Vou apresentar uma síntese do trabalho, chamar a atenção para a importância das famílias madeirenses na história do Brasil e, em particular, procurar colocar Jerónimo de Ornelas no lugar que merece na história de Porto Alegre. Gostaria muito que esta conferência despertasse o interesse por novas investigações. Afinal, estamos a falar de um homem que saiu da Madeira há vários séculos e que deixou uma descendência enorme numa região tão importante do Brasil.